

PRESENÇA E CRÍTICA DO "INATO" EM KANT*

Presence and critique of the concept of "innate" in Kant

Dr. Ubirajara Rancán de Azevedo Marques**
Universidade Estadual Paulista

Resumo

O texto a seguir é parte de um estudo maior, intitulado: "Sobre o inato em Kant". Trata-se, nele, de discutir o emprego feito por Kant de tal conceito, bem como as leituras de alguns intérpretes, que, concordando ou não com o filósofo, consideraram sua posição sobre o tema, e, assim fazendo, tornaram-se arautos de muita incompreensão acerca da origem das representações elementares do conhecimento, e, com isso, a respeito da própria matriz gnoseológico-filosófica do inteiro criticismo.

Palavras-chave: inato; *a-priori*; aquisição originária.

Abstract

This paper is part of a larger research entitled: "On Kant's concept of innate". Here I discuss Kant's concept of the innate, as well as the interpretation of some scholars on the subject. The aim of the paper is to explain to what extent the notion of the innate is a central problem for the explanation of the origin of the elementary representations of knowledge and for the philosophico-epistemological bases of the entire criticism.

Keywords: Kant, innate, *a priori*, original acquisition.

* Todas as referências a escritos de Kant, publicados na Akademie-Ausgabe, são feitas de acordo com as siglas preparadas pela Kant-Forschungsstelle Mainz [disponíveis, por exemplo, em: <http://www.societadekant.org/normas-para-citacoes/>. Acesso em: 08 abr. 2013]. Quando não haja sigla cunhada para determinado escrito, será sempre citado por extenso o título original do mesmo. Salvo indicação em contrário, as traduções apresentadas são minhas.

** Doctor en filosofía por la Universidad de Sao Paulo, Brasil. Profesor de historia de la filosofía moderna de la Universidad Estadual Paulista, Brasil. Presidente de la Sociedad Kant Brasileira y miembro de la Société d'études kantienne de langue française. Entre sus recientes publicaciones se encuentra *Bemerkungen über die Kant-Forschung in Brasilien*, Kant Studien, Walter de Gruyter, Alemania, 2009.

E-mail: ubirajara.rancan@gmail.com

Agradecemos la edición del presente texto al Dr. © Adriano Márcio Januario de la Universidade Estadual de Campinas, Brasil.

Em seu *Dicionário de Conceitos Filosóficos* [*Wörterbuch der philosophischen Begriffe*], obra publicada em 1904, Rudolf Eisler, no verbete "inato [*Angeboren*]", afirma: "O *a-priori* [...] nada tem a ver, em si e por si, com o 'inato'; aquele é lógico; esse, psicofísico" (Eisler, 1904). Pondo-se à parte a caracterização de "inato" como "psicofísico" [Eisler, estudante em Leipzig, cuja universidade abrigou o primeiro laboratório de psicofísica, foi influenciado por Wilhelm Wundt], a afirmação em pauta é um lugar-comum da hermenêutica kantiana, ao menos para os que aceitem essa proporção, a saber: o "*a-priori*" está para o "lógico" como o "inato" para o "psicofísico", ou, de modo geral, para o "psicológico". Mas o mesmo autor, imediatamente a seguir, acrescenta: "Porém, Kant põe às vezes ambos os conceitos em relação entre si" (Eisler, 1904). Embora seja fato que o filósofo não estabeleça essa relação todas as vezes nas quais emprega um ou outro conceito, não é menos verdadeiro que, sem os nomear conjuntamente ou mesmo qualquer um deles, Kant com bastante frequência relaciona dificultosamente ambos os conceitos entre si. Com isso, não tendo presença nem atuação sistemáticas próprias na filosofia crítica, o "inato" se torna como que relevante a contrapelo, dado o conceito a ele em princípio oposto – o "*a-priori*" –, aparentemente não se lhe opor, mas o substituir. Tratar-se-ia, assim, de um processo no qual a expressão teria sido substituída, mas sua significação, em contrapartida, preservada.

Opondo-se a "inato", porém, Kant não se reporta ao mero qualificativo, ao que estampe seu valor de face [caso no qual, em verdade, ele pouco se distinguiria de "*a-priori*"], mas a um sentido filosoficamente datado e conceitualmente preciso que se lhe encontra adstrito, por mais que tal oposição nem sempre tenha logrado suficiente clareza e tenha sido efetivamente prejudicada pelo uso ambíguo do termo "inato" no *corpus* kantiano.

Do ponto de vista textual, com efeito, a questão mais saliente acerca do "inato" em Kant dirá respeito à equivocidade no uso do conceito, ora empregado em sentido afirmativo, ora em negativo. Para ao menos alguma surpresa do investigador, tal ocorre sobremaneira entre 1770 e 1798, em todas as repartições dos "Escritos Reunidos" ["Obras", "Correspondência", "Legado Manuscrito" e "Preleções"], bem como para vários contextos temáticos, não só, por exemplo, o especulativo. Não obstante, "inato" é largamente utilizado sem mais considerandos, exceto, especialmente, em duas ocasiões: na "Dissertação de 1770" (Kant, 1985; 67-68) e no *Streitschrift* contra Eberhard, (ÜE, AA 08: 222-223) em 1790. Na *Razão Pura*, na qual o termo jamais comparece, a conclusão da segunda versão da "dedução transcendental" faz-lhe menção indireta (KrV, B 166-168). Em meio à "Correspondência", em carta não respondida por Kant ou cuja resposta não se conhece, Jacob Sigismund Beck aborda explicitamente o assunto¹. Nas "Reflexões" e nas "Preleções", por sua vez, o mesmo tema está presente², às vezes em meio à oposição entre "préformismo" e "epigênese".

¹ Tal carta é mais abaixo citada.

² Cf. (Kant, Refl, AA 15: 867); (Kant, Refl., AA 15: 868); (Kant, Refl., AA 15: 757); (Kant, Refl., AA 18: 21) (Kant, Refl. AA 18: 275); (Kant, Refl. AA 18: 272); (Kant, V-Lo/Dohna, AA 24: 758); (Kant, V-Met/Volckmann, AA 28: 372); (Kant, PhilEnz, AA 29: 14); (Kant, V-Met/Mron, AA 29: 761).

Do ponto de vista filológico, Kant refere-se nominalmente ao "inato" por meio de um elenco de palavras com o mesmo radical, mas com variados prefixos e grafia parcialmente diversa: "angeboren" [também os parônimos: "angeborenen", "angeborenen", "angebohren"] ["inato", em todos os casos]]; "eingeboren" ["ingênito" [nesse caso, o termo alemão corresponderá etimologicamente ao inglês "inborn"]] e "ungebohren" ["inascido" [nesse caso, o termo alemão corresponderá etimologicamente ao inglês "unborn"]]. Kant também utiliza "innatus" e "connatus", além de "anerschaffen" ["unerschaffen", "anerboren" / "anerborenen" e "anerborenen" / "anerborenen" são também empregados, ainda que pouco]. Com relação a "inatismo", Kant usa uma única vez o vocábulo "Angeborenen", embora (aunque) também se valha num único caso de "Angewandte", expressão que poderá ser igualmente traduzida por "inatismo".

Por outro lado, como sabido, a referência a um "inato" kantiano ricocheteia em Leibniz. É como se o inatismo mitigado do autor da harmonia pré-estabelecida caísse como uma luva sobre um *a-priori* tão conceitualmente enobrecido quanto historicamente pálido. Contudo, ironicamente, Leibniz e Kant não se debruçaram longamente ou de modo particularmente intenso sobre a querela do inatismo, mas, sempre que consideraram o ser-inato de ideias, intuições, conceitos, fizeram-no de modo circunstancial. Não sendo indicativo de uma suposta desimportância do assunto, esse dado atesta, por assim dizer, a heteronomia do mesmo em relação a outros itens da pauta de interesses de um e de outro filósofo. Com isso, se se quiser sustentar – com Jean Grondin, por exemplo – que a polêmica do inatismo é "crucial para todo o racionalismo" (Grondin, 1989; 56) – o que, porém, deveria conduzir a uma abordagem principal, não secundária do tema –, essa crucialidade será subterrânea e adjacente, emergindo por empréstimo a partir e ao lado de objeto maior.

Como quer que seja, na "Resposta a Eberhard", texto no qual mais longa e diretamente debruçou-se sobre a questão – embora não o tendo feito de grado, mas instigado por seu contendor –, Kant indica a fonte na qual o significado de "inato", em Leibniz, pode ser corretamente compreendido:

O inatismo [Angeborenen] de certos conceitos, como expressão para uma faculdade fundamental em referência aos princípios *a priori* de nosso conhecimento – da qual ele [Leibniz] serve-se meramente contra Locke, que não reconhecia outra origem, senão a empírica –, é incorretamente compreendido quando tomado literalmente.

Imediatamente a seguir, em nota, ele observa:

Em que sentido Leibniz toma a palavra inato [Angeborenen] quando a emprega a partir de certos elementos do conhecimento, [tal] poderá, agora, ser ajuizado. Um ensaio de Hißmann no *Mercúrio Alemão* de outubro de 1777 pode facilitar esse ajuizamento.

No texto aludido, com efeito – "Observações sobre algumas Regras para o Historiador dos Sistemas Filosóficos. Sobre as Investigações de Dutens e sobre os Conceitos Inatos em Platão, Descartes e Leibniz" –, Hißmann, na comparação proposta entre os filósofos envolvidos, conclui:

Platão e Descartes afirmam o completo inatismo [*Angeburt*] de certos conceitos, que a divindade já concedeu desenvolvidos à alma. Segundo a teoria leibniziana, as ideias inatas são somente traços sutis fundamentais na alma, que o entendimento tem de primeiramente desenvolver e aclarar.

Sem referência à experiência e à ocasião que ela fornece para o surgimento de tais ideias [o que é destacado por Leibniz], o autor acrescenta:

No trato com os conceitos inatos, Leibniz deixa mais poder à alma humana do que o fazem Platão e Descartes. [...] No sistema leibniziano, a alma não é meramente a fonte dessas ideias, mas também a única faculdade formadora de ideias [*die einzige Ideenbildende Kraft*].

Se Hißmann apresenta corretamente o inatismo de Leibniz – tal o parecer de Kant –, de seu esquema interpretativo resultará, assim, que os sistemas de Platão e Descartes defendem a existência de ideias inatas *completamente acabadas* na alma humana, ao passo que, em Leibniz, tratar-se-á de uma disposição a ser desenvolvida e aclarada *pelo entendimento*. Observe-se que Kant, a propósito de Leibniz, alude ao "inatismo de certos conceitos", ao passo que Hißmann, com relação a Platão e a Descartes, o faz a propósito do "completo inatismo de certos conceitos". A eventual diferença entre ambas as expressões [supondo-se não haja nenhuma digna de nota entre "*Angeborenssein*" e "*Angeburt*"], ficará por conta do "completo [*gänzlich*]" empregado por Hißmann. Nesse caso, o problema [já com Platão e Descartes, segundo ele] não seria exatamente relativo à *extensão* [quantos e quais conceitos serem ou não inatos], mas à *intensidade* [quão inatos serão tais ou quais conceitos], o que poderá indicar a importância da questão da origem diante da mera categorização das representações elementares, de acordo com um quadro referencial supostamente inquestionável. De qualquer modo, a razão do juízo positivo de Kant sobre a análise de Hißmann [a despeito de esta ser construída em nível histórico-metodológico que hoje seria tido por claramente superficial] assentará na diferença ressaltada pelo autor do artigo entre, por um lado, o "inatismo" de Platão e Descartes, e, por outro, o de Leibniz, leitura condizente com a posição do filósofo em "reflexões" presumivelmente manuscritas nos anos 1770 e 1780. (Cf. Hißmann, 1777).

O inatismo leibniziano, dito "moderado", "mitigado", pareceria, então, responder a um outro, *radical*, cuja representação maior, na modernidade, é atribuída a Descartes. Não obstante isso, nas "*Notæ in programa*" o filósofo francês observou:

[...] jamais escrevi ou julguei que o espírito tenha necessidade de ideias naturais que sejam algo de diferente da faculdade que ele tem de pensar. Mas é verdade que, reconhecendo que havia certos pensamentos que não procediam nem dos objetos de fora nem da determinação de minha vontade, mas somente da faculdade que tenho de pensar, para estabelecer alguma diferença entre as ideias ou as noções que são as formas desses pensamentos e distingui-las das que podem ser chamadas de estrangeiras ou feitas pela vontade, chamei-as naturais. Mas eu [o] disse no mesmo sentido em que dizemos que a generosidade, por exemplo, é natural a certas famílias, ou que certas doenças, como a gota e o cálculo, são

naturais a outras. Não que as crianças que nasçam nessas famílias estejam acometidas por esses males nos ventres de suas mães, mas porque elas nascem com a disposição ou a faculdade de contraí-los."(Descartes, 1967; 807).

Não sendo [ao menos hoje] metodologicamente admissível uma perspectiva homogeneizadora em história da filosofia, pela qual a especificidade de um pensamento seja obnubilada pela primazia concedida a uma doutrina, a um sentido, a uma tese erigida em critério de julgamento, evidente que, sem assim proceder, será interessante verificar, noutra ocasião, os meandros do significado de "inato" na filosofia moderna, de modo que certas classificações sejam porventura revistas à luz de um entrecruzamento textual mais abrangente. Por ora, pareceria difícil optar pela imagem de uma representação pronta e acabada como característica da ideia inata em Descartes, senão que, em certa medida, parecerá viável, no mesmo passo, aproximá-la, com o devido cuidado, de "disposição" e "inclinação", tal como empregadas por Leibniz nos *Novos Ensaios*, depois também por Kant, mas, com aparente ironia, igualmente por um Tetens [crítico da "polêmica sobre as ideias inatas" entre Leibniz e Locke], autor cognominado o "Locke alemão". Sobre isso, será porventura reveladora uma pequena passagem de seus *Ensaios Filosóficos sobre a Natureza Humana e sobre seu Desenvolvimento*, obra, ao que parece, tida muito em conta por Kant:

As ideias dos objetos e dos conhecimentos não são inatas; mas é inato o formal no modo de atividade das forças, na grandeza, intensidade, vigor, duração com que essas atuam e elaboram os primeiros sentimentos, de onde se originam as diversas proporções na sensibilidade, na imaginação, no entendimento, na compaixão e nos instintos de atividade e em suas relações recíprocas. (Tetens, 1777; 591-592).

Já na "Dissertação de 1770", Kant examina se tempo e espaço serão "inatos" ou "adquiridos". A análise, reveladora, logo dissolve a aparente severidade da dicotomia, quer pelo tom de uma certa indiferença para com o próprio debate, quer pelo fato de seus termos distintivos verem-se desconstruídos pelo emprego confluyente de ambos:

Surge, por fim, quase espontaneamente, a questão de saber se ambos os conceitos são inatos ou se são adquiridos. A segunda hipótese parece estar já verdadeiramente refutada pelas demonstrações feitas; mas a primeira não deve ser admitida tão inconsideradamente, uma vez que ela aplanar o caminho à filosofia dos preguiçosos, a qual, mediante a invocação de uma causa primeira, declara inútil qualquer ulterior indagação. Na verdade, o conceito de ambos é, sem qualquer dúvida, adquirido; não certamente abstraído a partir da sensação dos objectos [...], mas sim a partir da própria acção da mente que coordena as suas sensações segundo leis permanentes, como um tipo imutável, e, por isso, deve ser conhecido intuitivamente. Com efeito, as sensações despertam este acto da mente, mas não intervêm na intuição, nem existe aqui outra coisa inata a não ser a lei do espírito [...]. (Kant, 1985; 67-68).

Ao lado desse viés indiferentista-desconstrucionista, o fragmento recorda a "filosofia dos preguiçosos", calcada na mesma "*ignava ratio*" depois referida na *Razão Pura*, mencionada antes n'O Único Argumento Possível para uma Demonstração da Existência de Deus e já evocada por Leibniz, no *Discurso de Metafísica* e nos *Ensaio de Teodiceia*.

Doutra parte, em carta de 20 de junho de 1797, Beck, reportando-se aos "repetidores [*Nachsprechern*]" da *Crítica*, assim escreve a Kant:

Mostrei aos repetidores de Vossa *Crítica* [...] que [...] me parece completamente sem sentido falarem de conceitos *a priori*, os quais, porém, não queriam, com Leibniz, chamar inatos, unicamente para, depois, tornar visível a grande diferença entre sua afirmação que as categorias são conceitos *a priori* e aquela outra [afirmação] de [conceitos] inatos, e para mostrar que essas categorias são inteira e propriamente o procedimento do entendimento por meio do qual obtenho o conceito de um objeto, e o obtenho de tal modo que, em geral, digo: eis um objeto distinto de mim. (Kant, Br, AA 12: 167).

Pelo fragmento citado da carta de Beck, pois, seria "completamente sem sentido" a denominação "conceitos *a priori*"³, uma vez que, presumivelmente, não haveria – ao menos isso – "grande diferença" entre as expressões "conceitos *a priori*" [em suposto acordo com o pensamento de Kant] e "conceitos inatos" [em suposto acordo com o pensamento de Leibniz, e, então, presumivelmente, em suposto desacordo com o pensamento de Kant, tal como o interpretam os "repetidores" da *Crítica* aos quais alude Beck].

Ao final do século, a mesma vizinhança será lembrada. Reportando-se a Leibniz – "A alma contém originariamente os princípios de diferentes conceitos e conhecimentos, que os objetos externos só ocasionalmente despertam" (Mellin, 1968; 800)–, Georg Samuel Albert Mellin comenta:

A essa passagem de Leibniz sem dúvida refere-se aquela passagem [da *Crítica*] (C. 1): "Não há dúvida nenhuma que todo o nosso conhecimento começa com a experiência; caso contrário, por onde deveria ser despertada para o exercício a faculdade do conhecimento, tal não ocorresse pelos objetos que movimentam nossos sentidos e em parte por si próprios efetuam representações etc." (Mellin, 1968; 800).

Também Carl Christian Erhard Schmid observa:

Manifesta e considerável é a concordância dessa teoria kantiana dos conhecimentos *a priori* com a doutrina leibniziana dos conceitos inatos, tal como encontrada o mais clara e completamente desenvolvida nos *Novos Ensaio sobre o Entendimento Humano*. (Schmid, 1976; 11).

A identificação entre Kant e Leibniz, a propósito do *a-priori* e do virtualmente-inato, prossegue também com Vaihinger, para quem, a saber, "Kant procura [...], de acordo

³ Servindo-se por várias vezes nas *Werke* da expressão "*Begriffe a priori*" [tal como Beck no fragmento citado de carta sua a Kant], o filósofo parece não empregar, nelas, a expressão "*a priori Begriffe*", embora ela compareça em inúmeras passagens de outros escritos seus, como no "*Vorarbeit*" para os *Prolegomena* (cf. Kant, HN, AA 23: 58) e em carta a Garve (Kant, Br, AA 10: 343).

com sua tendência universal à mediação [...], um caminho intermediário entre Descartes e Locke" (Vaihinger, 1970; 89). Nesse sentido, conclui ele, "[...] o que Kant expõe [...] é no fundo a tese dos *Novos Ensaios* de Leibniz" (Vaihinger, 1970; 90). Apontando o "aperfeiçoamento" da doutrina inatista por parte do filósofo, Vaihinger indica ainda o "parentesco" que, a seu ver, ocorre entre "inato" e "a-priori", na "Estética transcendental", pelo que, de resto, ambos seriam, "no essencial", "idênticos". (Vaihinger, 1970; 99-100 / Cf. Windelband, 1877).

•

Não obstante a desconfiança geral de Kant a respeito do "inato" – "Apelar ao inato é a *sacra ancora* da ignorância e da decadência dos filósofos", terá dito ele (Kant, PhEnz, AA 29: 16) numa "preleção" datada de entre 1777 e 1782 –, o filósofo parece adotar [tacitamente] uma distinção referida por Baumgarten, no § 577 de sua *Metafísica*, a qual, de resto, já aparece em São Boaventura, (S. Bonaventurae, 1866; 372) que, também a propósito do "*habitus*", distinguia as mesmas três possibilidades referidas pelo autor alemão:

Sendo os hábitos os graus superiores das faculdades da alma e sendo o exercício a repetição frequente de ações homogêneas ou de ações semelhantes quanto à diferença específica, os hábitos da alma desenvolvem-se pelo exercício. Os hábitos da alma não dependentes do exercício são, porém, naturais ou nascidos com ela [...] (disposições naturais); os que dependem do exercício são adquiridos [...]; os sobrenaturais são infundidos [...]; os hábitos das faculdades cognoscitivas chamam-se teoréticos.⁴

Em Kant, assim parece, a distinção entre "natural", "adquirido" e "infundido" corresponderá a "inato", "adquirido" e "implantado"⁵.

Justo por isso, pois, pode-se, na "Resposta a Eberhard", encontrar um uso especulativo positivo de "inato", que, sem confundir-se com o "infundido" / "implantado", não me parece, todavia, identificar-se com o inato-virtual de Leibniz.

Antes, porém, recorde-se que o relativamente longo parecer de Kant à questão de se espaço, tempo e categorias seriam ou não inatos é motivado por um comentário de Eberhard, em seu *Magazine Filosófico*, o qual, a saber, afirma:

Qual o fundamento da efetividade de nosso conhecimento racional ou de nosso conhecimento *a priori*? Kant não respondeu de modo nenhum a essa questão. Se ele admite que as próprias formas de intuição sejam originariamente inculcadas [*anerschaffen*], então ele representa-se com isso uma *qualitas occulta*. Mas se ele admite – e tal é bem sua opinião autêntica – que somente seus fundamentos sejam inatos, então, no

⁴ Baumgarten, Alexander Gottlieb. *Metaphysica*. Em: Kant, GS; Refl, AA 15: 23. Agradeço ao Professor Doutor Leonel Ribeiro dos Santos pela tradução dessa passagem da *Metafísica* de Baumgarten.

⁵ Não sendo o caso de agora justificar a tradução de "*anerschaffen*" por "inculcado", permito-me, para tanto, reenviar a meu estudo: Sobre o "inato" em Kant. *Analytica*, Rio de Janeiro, vol 12, nº 2, 2008, p. 101-161. Registre-se, de qualquer modo, alguns dos exemplos aduzidos por Johann Christoph Adelung, em seu *Grammatisch-kritisches Wörterbuch der Hochdeutschen Mundart* para o significado de "*anerschaffen*" [não presentes no estudo apenas referido]: "Gott hatte dem Menschen sein Ebenbild anerschaffen. Das anerschaffene Ebenbild Gottes."

essencial, isso é idêntico à doutrina leibniziana.(Eberhard; 1977; 387-39)
(Cf. Kant, "Vorarbeiten zur Schrift gegen Eberhard, AA 20: 376).

Assim instigado, Kant, reiterando a aprioridade de espaço, tempo e categorias, perora também em favor da aquisitividade originária dos mesmos e, com isso, posiciona-se contra o ser-inato das representações elementares do conhecimento. Eis a longa passagem na qual ele assim procede:

A Crítica não aceita, em absoluto, representações inculcadas ou inatas. Pertencam à intuição ou aos conceitos do entendimento, ela considera-as todas como adquiridas. Mas há também uma aquisição originária (tal como se expressam os mestres do direito natural), conseqüentemente, [uma aquisição] também daquilo que antes não existia ainda de modo nenhum, por conseguinte, que não pertencia a coisa nenhuma antes dessa ação. Tal é, como afirma a Crítica, primeiramente a forma das coisas no espaço e no tempo; em segundo lugar, a unidade sintética do múltiplo em conceitos. Pois nenhuma delas é tirada dos objetos por nossa faculdade de conhecimento como dada em si mesma neles, mas ocorre *a priori* a partir de si mesma. Deve, porém, haver um fundamento para isso no sujeito, que torne possível que as representações pensadas surjam assim e não de outra maneira, e, além disso, [que torne possível que elas] possam ser referidas a objetos que ainda não estão dados – e ao menos esse fundamento é inato. (Kant, ÜE, AA 08: 221-222).

Mas esse *Grund* inato, segundo as palavras de Kant na mesma "Resposta a Eberhard", "[...] é a simples receptividade própria do ânimo" (Kant, ÜE, AA 08: 222). Essa receptividade, porém, não poderia jamais confundir-se com a simples passividade, ainda que, do ponto de vista textual, "receptividade" e "passividade" sejam conceitos semanticamente intercambiáveis [identificados com "capacidade"] e opostos a "autoatividade" ou a "espontaneidade". Contudo, a receptividade em questão, recebendo o que por si próprio se dá, reage a este segundo a atividade que a caracteriza. Noutras palavras, não podendo produzir aquilo cuja materialidade não pertence à sua constituição, o "fundamento" deve obrigatoriamente ser passivo: "Receber originariamente uma representação de algo como fora de mim sem ser de fato passivo é impossível" (Kant, Refl, AA 18: 307). Por outro lado, não devendo limitar-se a somente recolher o que de fora recebe, o "fundamento" comporta-se simultaneamente de modo ativo. Ainda que em outro contexto, mas com um significado de "receptividade" em tudo aplicável àquele no qual se coloca o "fundamento" inato, assim afirma um passo das "Preleções de Lógica" [Philippi]: "O discente é em parte passivo, mas deve ser também ativo; ele deve ter receptividade, ou seja, capacidade intelectual e também aplicá-la." (Kant, V-Lo/Philippi, AA 24: 494).

Ora, se adquirir originariamente for o mesmo que atualizar ou desenvolver algo já virtualmente existente, no momento dessa aquisição já seria preciso haver o tempo, *no decorrer do qual*, precisamente, atualizar ou desenvolver. Se, porém, o tempo ainda não for – o que será o caso, pois que se trata de adquiri-lo *originariamente* –, a aquisição originária não será acompanhada da consciência do que *estiver sendo* originariamente adquirido, pois só me torno consciente do que quer que seja, *no tempo*, e, pois, do que

por ele aparece à minha consciência. Não podendo o tempo já ser, posto que será *ainda* originariamente adquirido, impõe-se afirmar: o originariamente-adquirido não é, como tal, acompanhado da consciência do que é assim adquirido. Conclui-se então, que, num *primeiro* momento [mas tal ordenação é aqui, no limite, autocontraditória], não há espaço, tempo, categorias, quer prontos, quer virtualmente dados. Num *segundo* momento, já originariamente adquiridos, a consciência dessas representações elementares dar-se-á "por ocasião da experiência".

Nesse caso, adquirir originariamente espaço, tempo e categorias significará adquiri-los sob a forma de um autoengendramento, a partir do fundamento inato existente no sujeito, o qual – acrescento – corresponderá aos germes pré-formados com base nos quais são desenvolvidos os corpos organizados. Com isso, o autoengendramento em questão provirá dos "germes" e das "disposições" já presentes no fundamento inato, de cujo autoengendramento aquisitivo nada podemos dizer, pressupondo, em contrapartida, que tais "germes" e "disposições" sejam como que o quinhão resultante daquele "[...] menor empenho (Grimm, 1852) possível do sobrenatural", pelo qual a epigênese – alcinha, no caso presente, do processo de aquisição originária das representações elementares –, "[...] transfere à natureza tudo o que ocorre desde o primeiro começo". (Kant, KU, AA 05: 424.) Nesse caso, a *transferência*, em sentido metafórico, não-embriológico, corresponderá ao processo de conscientização do que quer que tenha sido originariamente engendrado e pelo qual, a saber, ou é [1] como se a natureza fora a única responsável pela *produção* de tais representações [o que redundaria na tese da aquisição empírica] ou é [2] como se as representações estivessem preparadas no sujeito, dele sendo *eduzidas* [o que redundaria na tese do inatismo virtual]. Sendo óbvia a negação da primeira hipótese por Kant, penso que seja preciso rejeitar também a segunda – ou a da *mera* conscientização –, cuja aceitação, assim me parece, implicaria descaracterizar a tese da "aquisição originária", ao menos se compreendida de forma *radical*, ou seja, como a aquisição "[...] daquilo que antes não existia ainda de modo nenhum, por conseguinte, [que] não pertencia a coisa nenhuma antes dessa ação. [...]"

Note-se, por fim, que, em termos do que viesse a ser uma taxonomia transcendental, além do "originariamente adquirido" ou do "absolutamente independente de toda experiência" (Kant, KrV, B 3) [espaço, tempo e categorias], haverá também um "adquirido *a priori*", como, ainda, um "contraído [zugezogen]", o qual, como se sabe, explica o modo por que o mal ["propensão", não "disposição"] encontra-se em nós.

•

Se não faz sentido indagar se para Leibniz há representações inatas – posto não haver nada que "não seja inato à mônada!" (Poser, 2006; 24)–, tampouco faz sentido repetir a questão a Kant, para quem, a saber, a "aquisição originária", por diluída que esteja sua exposição, tem de necessariamente partir de um "fundamento" com tal qualificação, ou seja, um fundamento "inato". Essa ausência de sentido indicará o fato de o principal não ser *que*, mas *por que* haja ou seja preciso haver representações inatas. Não nos sendo jamais facultado perceber que assim se dá, é preciso obter as razões pelas quais assim tenha de ser. Eis, por conseguinte, segundo Leibniz, que "[a] questão da origem de nossas ideias e de nossas máximas não é preliminar em filosofia e é preciso grandes progressos

para bem resolvê-la." Em Kant, a apresentação da tese de uma "aquisição originária" de espaço, tempo e categorias leva à pressuposição do fundamento inato como condição indispensável de sua efetivação. Resposta em nível epistemológico à questão sobre haver ou não representações inatas, a "aquisição originária" não responde, porém, pela tomada de consciência do que esteja virtualmente em nós – não correspondendo, portanto, à operação efetuada "por ocasião da experiência" [para lembrar expressão comum a Leibniz e a Kant] –, mas aponta para uma forma de engendramento primeiro, a que, não por acaso, só se pode aludir por meio de metáfora, por mais que a metáfora jurídica da "aquisição originária" não seja exatamente feliz, já por que, no uso metafórico, ela é um oximoro semioculto, reunindo o idealismo de "inato" [aí representado pelo seu não raro sinônimo "originário"] e o empirismo de "adquirido".

Bibliografia

- Adelung, Johann Christoph. 1810. *Grammatisch-kritisches Wörterbuch der Mundart*, Disponível em: <http://lexika.digitale-sammlungen.de/adelung/online/angebot>.
- Baumgarten, Alexander Gottlieb. *Metaphysica*. Em: Kant, GS; Refl, AA 15: 23.
- Descartes, René. *Notæ in programma*. Em: id., *Œuvres philosophiques*. Paris: Garnier, 1967; v. III, p. 807.
- Eberhard, Johann August. *Philosophisches Magazin*, I, 387-391. em: Vaihinger, Hans. 1970. *Kommentar zu Kants Kritik der reinen Vernunft*. Aalen: Scientia Verlag.
- Eisler, Rudolf. 1904. "Angeboren", *Wörterbuch der philosophischen Begriffe*, Disponível em: <http://www.textlog.de/1403.html> Acesso em: 08 abr. 2013.
- Grondin, Jean. 1989. *Kant et le problème de la philosophie: l'a priori*. Paris: J. Vrin.
- Hißmann, M. 1777. "Bemerkungen über einige Regeln für den Geschichtsschreiber philosophischer Systeme; über Dutens Untersuchungen - und über die angebohrnen Begriffe des Plato, Deskartes und Leibnitz." Em: *Der Teutsche Merkur*. 1773-1789, Frankfurt/Leipzig: Verlag der Gesellschaft, pp. 22-52. Disponível em: <http://www.ub.uni-bielefeld.de/diglib/aufkl/teutmerk/teutmerk.htm>
- Kant, Immanuel. 1900. *Kants gesammelte Schriften*. Bd. I-XXII, hrsg. von der Preussischen Akademie der Wissenschaften, Bd. XXIII von der Deutschen Akademie der Wissenschaften zu Berlin, ab Bd. XXIV von der Akademie der Wissenschaften zu Göttingen. Berlin.
- . 1985. *Dissertação de 1770 seguida de Carta a Marcus Herz*. Tradução, apresentação e notas de Leonel Ribeiro dos Santos e António Marques. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda.
- Mellin, Georg Samuel Albert. 1968. *Encyclopädisches Wörterbuch der kritischen Philosophie*. Bruxelles: Culture et Civilisation.
- Poser, Hans. 2006. "Leibniz et la potentialité des idées innées". Em: Duchesneau, François; Griard, Jérémie. *LEIBNIZ selon les Nouveaux essais sur l'entendement humain*. Montréal: Bermin.

- S. Bonaventuræ. 1866. *Opera Omnia*. Parisiis: Ludovicus Vivès.
- Schmid, Carl Christian Erhard. 1976. *Wörterbuch zum leichtern Gebrauch der Kantischen Schriften*. Damstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft.
- Tetens, Johann Nikolaus. 1777. *Philosophische Versuche über die menschliche Natur und ihre Entwicklung*. Leipzig: M.G. Weidmanns Erben und Reich.
- Vaihinger, Hans. 1970. *Kommentar zu Kants Kritik der reinen Vernunft*. Aalen: Scientia Verlag.
- Windelband, Wilhelm. 1877. *Über die verschiedenen Phasen der Kantischen Lehre vom Ding-an-sich*. Disponível em: <http://www.ac-nancy-metz.fr/enseign/philo/textesph/Windelband_Ding_an_sich.rtf> Acesso em: 10 abr. 2013.
- Rancán, Ubirajara. 2008. "Sobre o "inato" em Kant". *Analytica*, Rio de Janeiro, vol 12, nº 2.
- Grimm, Jacob, Grimm, Wilhelm. 1852. "Aufwenden, erogare, impendere: mühe, fleisz [...]", Em: *Deutsches Wörterbuch von Jacob und Wilhelm Grimm.*, Bd. 1, p. 775. Disponível em: <<http://germazope.uni-trier.de/Projects/WBB/woerterbuecher/dwb/wbgui?lemid=GA00001>> Acesso em: 29 mar. 2011.